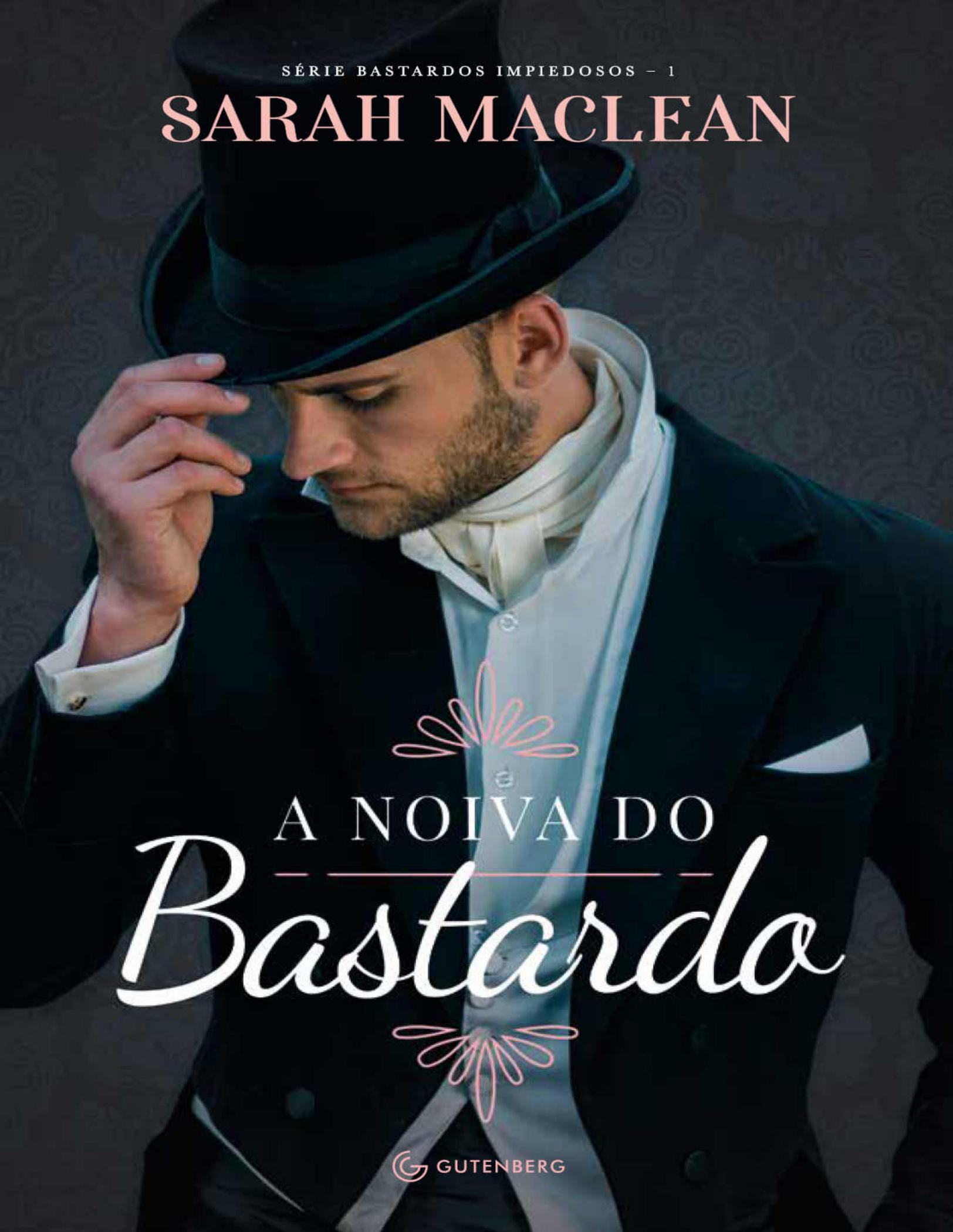


SÉRIE BASTARDOS IMPIEDOSOS - 1

SARAH MACLEAN



A NOIVA DO
— — —
Bastarda

 GUTENBERG



A NOIVA DO

Bastarda



SÉRIE BASTARDOS IMPIEDOSOS - 1

SARAH MACLEAN



A NOIVA DO

Bastarda



TRADUÇÃO: A C Reis

 GUTENBERG

Copyright © 2020 Sarah MacLean

Título original: *Wicked and the Wallflower*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Flavia Lago*

REVISÃO

Júlia Sousa

CAPA

Larissa Carvalho Mazzoni (sobre imagem de LightField Studios/ Shutterstock)

DIAGRAMAÇÃO

Waldênia Alvarenga

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro,
SP, Brasil**

MacLean, Sarah

A noiva do bastardo / Sarah MacLean ; tradução A. C. Reis. -- 1. ed. -- São Paulo : Gutenberg, 2020. --
(Série Bastardos Impiedosos ; 1.)

Título original: *Wicked and the Wallflower*.

ISBN 978-65-86553-00-0

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

20-38225 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** ©

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo .
SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Para meu pai,
que foi o primeiro a saber dos meus
criminosos de Covent Garden,
mas não chegou a conhecê-los.

Grazie mille, Papà.
Ti voglio tanto bene.

Prólogo

O PASSADO



Os três foram trespassados juntos, muito antes de terem consciência; fios de aço sedosos entrelaçados que não podiam ser separados – nem mesmo quando o destino insistia.

Irmãos nascidos no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo minuto, de diferentes mulheres. A cortesã de luxo. A costureira. A viúva do soldado. Nascidos no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo minuto, do mesmo homem.

O pai deles, o duque, cuja arrogância e crueldade o acaso trataria de punir sem hesitação, roubando dele o que mais desejava e o que seu dinheiro e seu poder não podiam comprar: um herdeiro.

Os videntes o alertaram para os Idos de Março, com a ameaça de traição e vingança, de sorte volúvel e providência inalienável. Mas, para esse progenitor – nunca fora mais que isso, nem perto de ser um pai –, foram os Idos de Junho que trouxeram sua ruína.

Porque naquele mesmo dia, naquela mesma hora, naquele mesmo minuto, surgiu uma quarta criança, nascida de uma quarta mulher, uma duquesa. E foi a esse nascimento – que o mundo todo julgou legítimo – que o duque compareceu, mesmo sabendo que a criança que deveria herdar seu nome, sua fortuna e seu futuro não era dele, mas ainda assim, de algum modo, era sua única esperança.

Mas essa criança era uma menina.

E com seu primeiro bocejo roubou o futuro de todos eles, de tão poderosa que era ela. Mas isso fica para um outro momento. Esta história começa com os garotos.

Capítulo Um

O PRESENTE



Maio de 1837

Devil parou diante da Casa Marwick, debaixo da ampla sombra de um velho olmo, e observou seu irmão bastardo lá dentro.

O vidro martelado e o tremeluzir das velas distorciam os convidados no salão de baile, transformando a multidão de pessoas – nobres e aristocratas rurais – numa massa de movimento indiscernível, lembrando Devil da maré do Tâmis, subindo e descendo, carregada de cores e odores.

Corpos sem rosto – silhuetas de homens com trajes formais e de mulheres em suas sedas e seus cetins reluzentes – fluíam juntos, quase incapazes de se moverem diante dos olhares curiosos e dos leques agitados que sopravam fofocas e especulações pelo ar estagnado do salão de baile.

No meio de todos, o homem que estavam desesperados para ver – o solitário Duque de Marwick – brilhava como novidade, embora carregasse o título desde a morte de seu pai. Desde que o pai *deles* tinha morrido.

Não. Pai não. Progenitor.

E o novo duque, jovem e atraente, voltou de Londres como o filho pródigo – mais altivo que o restante dos presentes, de cabelo loiro e rosto pétreo, com olhos âmbar que os Duques de Marwick

ostentavam há gerações. Saudável, solteiro e tudo mais que a aristocracia desejava que ele fosse.

E nada do que a aristocracia acreditava que ele fosse.

Devil conseguia imaginar os sussurros alienados que corriam em polvorosa pelo salão de baile.

Por que um homem de tal superioridade banca o solitário?

Quem se importa, quando ele é um duque?

Você acha que os boatos são verdadeiros?

Quem se importa, quando ele é um duque?

Por que ele nunca vem para Londres?

Quem se importa, quando ele é um duque?

E se ele for louco como dizem?

Quem se importa, quando ele é um duque?

Ouvi dizer que ele está querendo um herdeiro.

Foi isso que trouxe Devil das trevas.

Houve um pacto, feito vinte anos antes, quando eles eram irmãos de armas. E, embora muito tivesse acontecido desde então, uma coisa continuava valendo mais do que tudo: ninguém volta atrás em um acordo com Devil.

Não sem que houvesse punição.

E assim, em Londres, Devil aguardava, com infinita paciência, nos jardins de uma residência de gerações de Duques de Marwick, pela chegada de um terceiro que também participara do acordo. Fazia décadas desde que ele e seu irmão, Whit – os dois conhecidos na cidade como os Bastardos Impiedosos – não viam o duque. Décadas desde que tinham escapado da jurisdição do ducado na calada da noite, deixando para trás segredos e pecados, para erguer seu próprio reino, constituído de outros tipos de segredos e pecados.

Mas, duas semanas antes, convites chegaram às casas mais luxuosas de Londres – aquelas com os nomes mais veneráveis –, enquanto criados chegavam à Casa Marwick armados até os dentes de espanadores e cera, ferros de passar e varais. Uma semana antes, caixas foram entregues com velas e vinhos, tomates e tecidos, e meia dúzia de divãs para o imenso salão de baile

Marwick, agora adornados com as saias das damas mais atraentes de Londres.

Três dias atrás, o *Notícias de Londres* chegou à sede dos Bastardos em Covent Garden, e nesse jornal, na página quatro, uma manchete em tinta borrada perguntava: “O misterioso Marwick comprometido?”.

Devil tinha dobrado o jornal com cuidado e o deixado na mesa de Whit. Quando ele retornou para trabalhar na manhã seguinte, uma faca fincava o jornal, prendendo-o ao carvalho da mesa.

E assim ficou decidido.

O irmão deles, o duque, tinha voltado, aparecendo sem aviso naquele lugar projetado para os melhores, mas repleto dos piores homens, na propriedade que herdara no momento em que reclamou seu título, em uma cidade que os Bastardos tornaram sua. Ao fazê-lo, Marwick revelou sua ganância.

Mas ganância, naquele lugar, naquela terra, não era permitida.

Assim, Devil aguardou e observou.

Após longos minutos, uma brisa soprou, e Whit apareceu ao seu lado, silencioso e mortal como um reforço militar, o que era adequado, pois aquilo não seria nada menos que uma guerra.

– Bem na hora – Devil disse, com tranquilidade.

Um grunhido.

– O duque procura uma noiva?

O outro assentiu na escuridão.

– E herdeiros?

Silêncio. Não ignorava, sentia apenas raiva.

Devil observou o irmão bastardo se mover em meio à multidão lá dentro, dirigindo-se à extremidade do salão de baile, onde um corredor escuro se alongava até as vísceras da casa. Foi a vez de ele assentir com um movimento de cabeça.

– Vamos acabar com isso antes que comece. – Devil pegou sua bengala de ébano, com a cabeça de leão em prata, gasta pelo uso, que se encaixava perfeitamente em sua mão. – Entrar e sair, causando estrago suficiente para ele não nos seguir.

Whit assentiu, mas não colocou em palavras o que os dois pensavam – que o homem que Londres chamava de Robert, Duque

de Marwick, o garoto que eles conheceram como Ewan, era mais animal do que aristocrata, o único homem a chegar perto de superá-los. Mas isso foi antes de Devil e Whit se tornarem os Bastardos Impiedosos, Reis de Covent Garden, e aprenderem a manusear armas com precisão suficiente para cumprirem suas ameaças.

Naquela noite mostrariam para o duque que Londres era o território deles e o mandariam de volta para o campo. Era só entrar na festa e fazer exatamente isso – lembrá-lo da promessa que tinham feito há muito tempo.

O Duque de Marwick não teria herdeiros.

– Boa caçada. – As palavras de Whit vieram num grunhido baixo, sua voz rouca pela falta de uso.

– Boa caçada – respondeu Devil, e os dois se moveram em oportuno silêncio até a sombra escura de um terraço comprido, sabendo que teriam de agir com rapidez para evitar serem vistos.

Com fluidez elegante, Devil escalou o terraço, pulando sobre o parapeito, pousando em silêncio na escuridão do outro lado, seguido por Whit. Eles foram até a porta, sabendo que a estufa estaria trancada, sem acesso para os convidados, o que a tornava o ponto de entrada perfeito para eles. Os Bastardos usavam trajes formais, preparados para se misturarem na multidão até encontrarem o duque e dispararem seu golpe.

Marwick não seria o primeiro nem o último aristocrata a receber uma punição dos Bastardos Impiedosos, mas Devil e Whit nunca desejaram tanto punir alguém.

A mão de Devil mal tinha pousado na maçaneta da porta quando ela se virou sob seu toque. Ele a soltou instantaneamente, recuando, mesclando-se à escuridão, enquanto Whit se lançava pelo parapeito e aterrissava em silêncio no gramado abaixo.

Então, a garota apareceu.

Ela fechou a porta atrás de si com urgência, apoiando suas costas ali, como se pudesse evitar que a seguissem usando apenas sua força de vontade.

O estranho é que Devil pensou que ela poderia conseguir.

Ela estava tensa, a cabeça apoiada na porta, o longo pescoço pálido sob o luar, o peito arfando quando sua mão solitária e

enluvada veio descansar na pele acima do decote, como se ela pudesse acalmar sua própria respiração entrecortada. Anos de observação revelaram que aqueles movimentos eram naturais e espontâneos – ela não sabia que era observada. Ela não sabia que não estava sozinha.

O tecido do vestido cintilou ao luar, mas estava escuro demais para distinguir a cor. Azul, talvez. Verde? A luz deixava-o prateado em alguns pedaços, preto em outros.

Luar. Parecia que ela estava coberta de luar.

A estranha observação ocorreu quando ela foi até o parapeito de pedra, e, por uma louca fração de segundo, Devil pensou em ir em direção à luz para vê-la melhor.

Quer dizer, até ele ouvir o gorjeio baixo e delicado de um rouxinol – Whit alertando-o. Lembrando-o do plano, com o qual a garota não tinha relação alguma. A menos que ela os impossibilitasse de colocá-lo em prática.

Ela não sabia que o pássaro não era um pássaro e virou o rosto para o céu, apoiando as mãos no parapeito de pedra e soltando um longo suspiro, baixando a guarda. Seus ombros relaxaram.

Ela tinha sido forçada a se refugiar ali.

Algo desagradável o agitou diante da ideia de que ela tinha fugido para uma sala escura e saído para um terraço ainda mais escuro, onde aguardava um homem que poderia ser pior do que qualquer coisa de que ela fugia. E então, como um tiro no escuro, ela riu. Devil ficou rígido, os músculos em seus ombros, tensos, e ele apertou o castão de prata de sua bengala.

Ele precisou empregar toda sua força de vontade para não se aproximar dela. Lembrar que tinha esperado por aquele momento durante anos – tanto tempo que mal conseguia se lembrar de quando não estava preparado para combater seu irmão.

Devil não permitiria que uma mulher o tirasse do curso. Ele nem a tinha visto com clareza, mas, ainda assim, não conseguia desviar o olhar.

– Alguém devia dizer para essas pessoas como elas são horríveis – ela disse para o céu. – Alguém devia chegar para a Amanda Fairfax e dizer que ninguém acredita que sua pinta não é real. E

alguém devia dizer a Lorde Hagin que ele fede a perfume e faria bem se tomasse um banho. E eu adoraria lembrar Jared da vez em que ele caiu sentado no lago da casa de campo de minha mãe e teve que contar com a *minha* bondade para conseguir roupas secas sem ser visto.

Ela fez uma pausa longa o bastante para Devil pensar que ela tinha parado de conversar com o ar. Mas, de repente, ela continuou.

– E a Natasha precisa ser tão *desagradável*? Isso é o melhor que você pode fazer?

Ele se chocou com essas palavras – este não era o momento de falar com a tagarela solitária do terraço.

Ele chocou mais Whit, e o gorjeio desesperado de rouxinol que se seguiu imediatamente serviu de indício.

Mais que todos, contudo, ele chocou a garota.

Com um gritinho de surpresa, ela se virou para encará-lo, levando a mão a cobrir a pele acima do decote do corpete. Qual era a cor daquele corpete? O luar continuava com seus truques, tornando impossível distingui-la.

Ela inclinou a cabeça e estreitou os olhos, tentando enxergar nas sombras.

– Quem está aí?

– Você me faz perguntar o mesmo, querida, levando em conta que não para de falar.

Os olhos apertados se transformaram em uma careta de escárnio.

– Estava falando comigo mesma.

– E nenhuma de vocês duas conseguiu encontrar um insulto melhor do que *desagradável* para essa Natasha?

Ela avançou um passo na direção dele, depois pareceu pensar duas vezes quanto a se aproximar de um estranho no escuro. Ela parou.

– Como você descreveria Natasha Corkwood?

– Eu não a conheço, então não a descreveria. Mas considerando que você pareceu se divertir ao ridicularizar a higiene de Hagin e ressuscitar constrangimentos passados de Faulk, acredito que Lady Natasha mereça um nível similar de criatividade.

Ela encarou as sombras por um longo minuto, o olhar fixo num ponto em algum lugar além do ombro esquerdo dele.

– Quem é você?

– Ninguém importante.

– Como você está num terraço escuro, do lado de fora de uma sala vazia na casa do Duque de Marwick, me parece que você pode ser um homem de assustadora importância.

– Segundo esse raciocínio, você é uma mulher de assustadora importância.

A risada dela veio alta e inesperada, surpreendendo a ambos. Ela meneou a cabeça.

– Poucos concordariam com você.

– Eu raramente me interesso pela opinião dos outros.

– Então você não deve ser membro da alta sociedade – ela respondeu, irônica. – Pois as opiniões dos outros são como ouro aqui. São excessivamente valorizadas.

Quem é ela?

– Por que você está na estufa?

Ela piscou.

– Como você sabe que é uma estufa?

– É minha ocupação saber de coisas.

– A respeito de casas que não lhe pertencem?

Esta casa quase foi minha, certa vez. Ele resistiu às palavras.

– Ninguém está usando esta sala. Por que você está?

Ela ergueu um ombro. E o deixou cair.

Foi a vez de Devil escarnecer.

– Veio se encontrar com um homem?

– Perdão? – Ela arregalou os olhos.

– Varandas escuras são excelentes para encontros românticos.

– Não entendo disso.

– De varandas? Ou de encontros românticos? – Não que ele se importasse com a resposta.

– Sinceramente, de nenhuma dessas coisas.

Ele não deveria ter sentido satisfação com a resposta.

– Você acreditaria se eu falasse que gosto de estufas? – ela continuou.

– Não – ele disse. – Além do mais, a estufa está proibida para os convidados.

– É mesmo? – ela inclinou a cabeça.

– A maioria das pessoas entende que salas escuras são proibidas.

Ela fez um gesto de pouco caso.

– Não sou muito inteligente. – Devil também não acreditou nisso.

– Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta, sabe.

– Qual? – Ele não gostou do modo como ela torcia a conversa à volta deles, levando-a em sua direção.

– Você está aqui para um encontro romântico?

Por um momento fugaz e louco, ele teve a visão do encontro que poderiam ter ali, naquele terraço escuro no calor do verão. Do que ela permitiria que ele lhe fizesse enquanto metade de Londres dançava e fofocava pouco distante dali.

Do que ele permitiria que ela lhe fizesse.

Ele se imaginou erguendo-a e colocando-a sobre o parapeito, descobrindo a sensação da pele dela, do aroma. Descobrindo os sons que ela faria ao sentir prazer. Ela gemeria? Gritaria?

Ele congelou. Aquela moça, com seu rosto comum e seu corpo vulgar, que falava sozinha, não era o tipo de mulher que Devil costumava imaginar possuindo contra a parede. O que estava acontecendo com ele?

– Vou tomar seu silêncio como um sim, então. E deixá-lo para que continue com seu encontro, meu senhor. – Ela começou a se afastar dele, seguindo pelo terraço.

Ele deveria deixá-la ir.

Mas ele a chamou.

– Não há encontro algum.

O rouxinol gorjeou de novo. Mais apressado e alto que antes. Whit estava aborrecido.

– Então por que você está aqui? – ela perguntou.

– Talvez pela mesma razão que você, querida.

Ela fez uma careta.

– É difícil acreditar que você seja uma solteirona que foi empurrada para a escuridão depois de ser rejeitada por aquelas que

um dia chamou de amigas.

Então ele estava certo. Ela tinha sido forçada a se refugiar ali.

– Preciso concordar. Não me pareço com nada disso.

Ela apoiou as costas no parapeito.

– Saia para a luz.

– Receio que não possa fazer isso.

– Por quê?

– Porque eu não deveria estar aqui.

Ela deu de ombros.

– Eu também não.

– Você não deveria estar no *terraço*. Eu não deveria estar na *propriedade*.

Os lábios dela formaram um pequeno “O”.

– Quem é você? – ela perguntou.

Ele ignorou a pergunta.

– Por que você é uma solteirona? – Não que isso importasse.

– Não me casei.

Ele resistiu ao impulso de sorrir.

– Eu mereci isso.

– Meu pai diria para você ser mais específico com suas perguntas.

– Quem é seu pai?

– Quem é o seu?

Ela não era a mulher menos obstinada que ele conhecia.

– Eu não tenho pai.

– Todo mundo tem um pai – ela disse.

– Não um que se importe em reconhecer – ele disse com uma calma que não sentia. – Então nós voltamos ao início. Por que você é uma solteirona?

– Ninguém quer se casar comigo.

– Por que não?

A resposta honesta foi instantânea.

– Eu não... – Ela parou, levantando e espalmando a mão, e ele teria dado toda sua fortuna para ouvir o resto, ainda mais depois que ela começou de novo, contando as razões nos longos dedos enluvados. – Estou encalhada.

Ela não parecia velha.

– Sou comum.

Ele tinha pensado em comum, mas ela não era. Não mesmo. Na verdade, talvez fosse o oposto disso.

– Desinteressante.

Isso absolutamente não era verdade.

– Fui rejeitada por um duque.

Ainda não era toda a verdade.

– E esse é o problema?

– Exato – ela disse. – Mas me parece injusto, pois o duque em questão nunca teve a intenção de se casar comigo.

– Por que não?

– Ele estava loucamente apaixonado pela esposa.

– Que infelicidade.

Ela lhe deu as costas, voltando a olhar para o céu.

– Não para ela.

Em toda sua vida, Devil nunca quis tanto se aproximar de alguém. Mas ele permaneceu nas sombras, encostado na parede, observando-a.

– Se existem todos esses motivos para não se casarem com você, por que desperdiça seu tempo aqui?

Ela soltou uma risadinha, o som baixo e encantador.

– O senhor não sabe? O tempo de uma mulher solteira é bem empregado se passado perto de cavalheiros solteiros.

– Ah, então você não desistiu de um marido.

– A esperança é a última que morre – ela disse.

Ele quase riu ao ouvir o ditado. Quase.

– E então?

– Está difícil, pois agora minha mãe tem exigências severas para qualquer pretendente.

– Por exemplo?

– Que o coração esteja batendo.

Ele riu disso, uma risada solitária, áspera, que o deixou chocado.

– Com padrões tão elevados, não é surpresa que esteja com tantas dificuldades.

Ela sorriu, os dentes brancos brilhando sob o luar.

– É de admirar que o Duque de Marwick não tenha dado cambalhotas para me conquistar. Eu sei.

A lembrança de seu propósito ali foi instantânea e desagradável.

– Você está atrás de Marwick. – *Por cima do meu cadáver putrefato.*

Ela fez um gesto de pouco caso.

– Minha mãe está, assim como todas as outras mães de Londres.

– Dizem que ele é louco – Devil observou.

– Só porque as pessoas não conseguem imaginar por que alguém escolheria viver fora da sociedade.

Marwick vivia fora da sociedade porque há muito tempo tinha feito um pacto de nunca viver dentro dela. Mas Devil não revelou isso.

– Elas mal o conhecem.

– Elas conhecem o título dele, meu senhor. – Ela sorriu como se dissesse uma verdade evidente. – E ele é atraente como o pecado. Um duque solitário ainda faz uma duquesa, afinal.

– Isso é ridículo.

– É o mercado do casamento. – Ela fez uma pausa. – Mas isso não importa. Eu não sirvo para ele.

– Por que não? – Devil não se importava.

– Porque eu não sirvo para duques.

Por que diabos não?

Ele não enunciou a pergunta, mas ela respondeu assim mesmo, tranquila, como se estivesse conversando com outras ladies durante o chá.

– Houve um tempo em que pensava que servia – ela explicou, mais para si mesma do que para ele. – E então... – Ela deu de ombros. – Não sei o que aconteceu. Imagino que todas aquelas coisas. Comum, desinteressante, cada vez mais velha, invisível, solteirona. – Ela riu da lista de palavras. – Acho que eu não deveria ter perdido tempo, pensando que encontraria um marido, pois isso não aconteceu.

– E agora?

– E agora – ela disse, a voz com tom de resignação – minha mãe procura alguém cujo coração bata.

– E você, o que procura?

O rouxinol de Whit gorjeou na escuridão, e ela respondeu após esse som.

– Ninguém nunca me perguntou isso.

– E então... – ele a incitou, sabendo que não devia. Sabendo que devia deixar a garota no terraço, bem como qualquer que fosse o futuro dela.

– Eu... – Ela olhou para a casa, para a estufa escura e o corredor além, para o salão de baile a distância. – Eu queria ser parte de tudo isso outra vez.

– Outra vez?

– Houve uma época em que eu... – ela começou, mas parou. Meneou a cabeça. – Não importa. Você tem coisas mais importantes para fazer.

– Tenho, mas como não posso fazê-las enquanto está aqui, milady, sinto-me mais do que disposto a ajudá-la a organizar seus pensamentos.

Ela sorriu ao ouvi-lo.

– Você é engraçado.

– Ninguém, em toda a minha vida, concordaria com você.

O sorriso dela ficou maior.

– Eu raramente me interesso pela opinião dos outros – ela disse.

Ele não deixou de notar a citação de suas próprias palavras, ditas pouco antes.

– Não acredito nisso nem por um segundo.

Ela deu de ombros.

– Houve um tempo em que eu fazia parte de tudo isso. Eu era incrivelmente popular. Todo mundo queria me conhecer.

– E o que aconteceu?

Ela espalmou as mãos de novo, um movimento que começava a se tornar familiar.

– Eu não sei.

– Você não sabe o que a tornou invisível? – Ele arqueou uma sobrancelha.

– Não – ela murmurou, a voz triste e confusa. – Eu nem vi acontecer. Então, um dia – ela deu de ombros –, lá estava eu. Transparente. Então, quando você me perguntou o que procuro...

Ela se sentia solitária. Devil entendia de solidão.

– Você quer voltar.

Ela soltou uma risada curta, desesperançada.

– Ninguém consegue voltar. Não sem um casamento que faça história.

– O duque. – Ele concordou com a cabeça.

– É o sonho de qualquer mãe.

– É o seu?

– Eu quero voltar. – Outro alerta gorjeado por Whit, e a mulher olhou por sobre o ombro. – Esse é um rouxinol muito persistente.

– Ele está irritado.

Ela inclinou a cabeça para o lado, curiosa, mas como ele não se explicou, ela perguntou:

– Você não vai me contar quem é?

– Não.

– É melhor assim, eu acho. – Ela consentiu com a cabeça. – Saí para ter um momento tranquilo, longe dos sorrisos de desdém e dos comentários maldosos. – Ela apontou para a outra extremidade do terraço, a parte mais iluminada. – Eu vou até lá procurar um bom lugar para me esconder. Você pode voltar a se esgueirar por aí, se quiser.

Ele não respondeu, sem saber o que dizer. Sem confiar em si mesmo para dizer o que deveria.

– Não vou dizer a ninguém que vi você – ela acrescentou.

– Você não me viu – ele disse.

– Então teremos o benefício adicional de essa ser a verdade – ela observou.

O rouxinol outra vez. Whit não confiava em Devil com aquela mulher.

E talvez não devesse mesmo.

Ela fez uma pequena mesura.

– Bem, vai se lançar aos seus atos nefastos, então?

O movimento dos músculos ao redor dos lábios dele era desconhecido. Um sorriso. Ele não conseguia se lembrar da última vez que tinha sorrido. Aquela estranha mulher tinha despertado isso nele, como uma feiticeira.

Ela se foi antes que ele pudesse responder, suas saias desaparecendo ao virar, em direção à luz. Ele precisou de toda sua força para não a seguir e vê-la melhor – a cor de seus cabelos, o tom de sua pele, o brilho de seus olhos.

Ele ainda não tinha certeza da cor do vestido dela.

Tudo que ele precisava fazer era segui-la.

– Dev.

Seu nome o devolveu ao presente. Ele olhou para Whit, mais uma vez no terraço e ao seu lado nas sombras.

– Agora – Whit disse. Estava na hora de retomar o plano. De procurar o homem que ele tinha jurado matar se algum dia colocasse os pés em Londres. Se tentasse reivindicar aquilo que tinha roubado. Se pensasse em quebrar o juramento de décadas atrás.

E Devil acabaria com ele. Mas não seria com as mãos.

– Vamos – Whit sussurrou. – Agora.

Devil meneou a cabeça uma vez, o olhar fixo no lugar onde a saia misteriosa da mulher tinha desaparecido.

– Não. Ainda não.

Capítulo Dois



O coração de Felicity Faircloth estava batendo tão acelerado, por tanto tempo, que ela pensou que talvez precisasse de um médico.

Começou a bater ainda mais rápido quando ela escapuliu do cintilante salão de baile da Casa Marwick e fitou a porta trancada à sua frente, ignorando o desejo quase insuportável de extrair um grampo de seu penteado.

Ela sabia que não devia extrair um grampo e que, de modo algum, devia extrair dois – muito menos inseri-los no buraco de fechadura a quinze centímetros de distância, nem trabalhar pacientemente nas tranquetas da fechadura.

Não conseguiremos bancar outro escândalo.

Ela ouviu as palavras de seu irmão gêmeo Arthur como se ele estivesse parado ao lado dela. Pobre Arthur, desesperado para que a irmã solteirona – 27 anos e encalhada numa ilha distante – fosse entregue aos cuidados de outro homem, mais disposto. Pobre Arthur, cujas preces nunca seriam atendidas – nem mesmo se ela parasse de arrombar fechaduras.

Mas ela ouviu, ainda mais alto, as outras palavras. Os comentários jocosos. Os nomes. *Felicity Fugidia, Felicity Infrutífera.* E o pior de todos... *Felicity Fracassada.*

O que ela está fazendo ali?

Com certeza ela não acredita que alguém possa querê-la.

Seu pobre irmão, desesperado para casá-la.

...Felicity Fracassada.

Houve um tempo em que uma noite como esta teria sido o sonho de Felicity – um novo duque na cidade, um baile de boas-vindas, a possibilidade empolgante de um compromisso com um homem atraente e disponível. Teria sido perfeito. Vestidos, joias, orquestras, fofocas, conversas, passos de dança e muita champanhe. Felicity mal teria descanso, e, se tivesse, seria porque tinha reservado um tempo para si mesma, para poder apreciar aquele lugar de um mundo coruscante.

Não mais.

Agora ela evitava bailes quando podia, sabendo que estes ofereciam horas de sofrimento, em que ela ficava pelos cantos do salão em vez de dançar por todo o espaço. E havia o profundo constrangimento quando encontrava uma de suas antigas conhecidas. A lembrança de como era rir com elas. Bancar a superior com elas.

Mas não havia como evitar um baile em que um novo duque se apresentaria, e assim ela se enfiou num antigo vestido e na carruagem do irmão e permitiu que o pobre Arthur a arrastasse para o salão de baile da Casa Marwick. Mas, na primeira desatenção do irmão, ela conseguiu escapar.

Felicity fugiu por um corredor escuro, seu coração disparado enquanto removia os grampos do penteado, dobrava-os com cuidado e inseria um, depois o outro, no buraco da fechadura. Quando ouviu o *clique* suave e a tranca saltou, seu coração ameaçava pular para fora do peito.

E pensar que todo esse sobressalto aconteceu antes mesmo de ela conhecer aquele homem.

Embora *conhecer* não parecesse a palavra correta.

Encontrar também não parecia muito preciso.

Aquilo era algo como uma *experiência*. No momento em que ele falou, o ritmo grave de sua voz a envolveu como seda no ar escuro de verão, como a tentação de um pecado.

Um calor subiu pela sua face com a lembrança do modo como ele parecia atraí-la para si, como se estivessem conectados por um fio. Como se ele pudesse puxá-la para perto – e ela iria, sem resistir.

Ele havia feito mais do isso. Aquele homem tinha resgatado a verdade de dentro dela, a qual Felicity mostrou sem hesitar.

Ela listou seus defeitos como se fossem itens de um catálogo. Quase confessou tudo, mesmo as partes que nunca tinha dito a ninguém. As que ela mantinha dentro de si, mas no escuro. No entanto a sensação não foi de uma confissão. Parecia que ele já sabia de tudo. E talvez soubesse mesmo. Talvez não fosse um homem no escuro. Talvez ele fosse a própria escuridão. Efêmero, misterioso e tentador – muito mais atraente do que a claridade do dia, em que os defeitos, as imperfeições e os fracassos brilham e é impossível os ocultar.

A escuridão sempre a atraiu. As fechaduras. As barreiras. O improvável.

Esse era o problema, não? Felicity sempre quis o impossível. E ela não era o tipo de mulher que aceitava isso.

Mas e quando aquele homem misterioso sugeriu que ela fosse uma mulher importante? Por um momento, ela acreditou nele. Como se não fosse ridícula a simples ideia de que Felicity Faircloth – a filha solteira e sem graça do Marquês de Bumble, desprezada por mais do que um solteiro cobiçado em razão de sua própria má sorte e totalmente incompatível com aquele baile, onde um atraente duque há muito tempo sumido procurava uma esposa – pudesse sair vitoriosa.

O impossível.

E assim ela fugiu, retomando seus velhos hábitos e caindo na escuridão porque tudo parecia mais possível no escuro do que sob a luz fria e dura.

E ele tinha tentado descobrir isso também, aquele estranho. Ela quase não o deixou só nas sombras. Ela quase se juntou a ele na escuridão. Porque naqueles momentos, poucos e fugazes, Felicity imaginou que talvez não fosse para este mundo que desejava voltar, mas sim que quisesse procurar um mundo novo, escuro, onde pudesse recomeçar do zero. Onde pudesse ser alguém diferente de Felicity Faircloth, a solteirona invisível. E o estranho no terraço pareceu ser o tipo de homem que poderia lhe fornecer isso.

O que era loucura, óbvio. Ninguém fugiria com homens estranhos que conhece num terraço. Em primeiro lugar, era assim que alguém poderia ser assassinado. Segundo, sua mãe *nunca* aprovaria. E ainda havia Arthur. O perfeito, o sério e pobre Arthur, com seu *Nós não vamos suportar outro escândalo*.

Assim, ela fez o que qualquer mulher faria após um instante de insanidade no escuro: deu as costas para o pecado e foi em direção à luz, ignorando a pontada de arrependimento quando virou à esquerda, distanciando-se da grande fachada de pedra, e entrou no brilho do salão de baile, iluminando para além das imensas janelas, onde toda Londres saltitava e dançava, rindo e fofocando e buscando a atenção de seu atraente e misterioso anfitrião.

Onde o mundo do qual já tinha feito parte rodopiava sem ela.

Ela assistiu à cena por um longo momento, vendo de relance o Duque de Marwick na outra ponta do salão, alto, belo e empiricamente atraente, com uma boa e aristocrática aparência que deveria ter feito com que suspirasse, mas que, na verdade, não produziu impacto nela.

Seu olhar deslizou do homem do momento para o brilhante cabelo acobreado de seu irmão, do outro lado do salão, onde conversava, concentrado, com um grupo de homens mais sérios que o entorno. Felicity imaginou o que eles estariam discutindo – seria sobre ela? Estaria Arthur tentando vender para outro grupo de homens as qualidades de Felicity, a Fracassada?

Nós não vamos suportar outro escândalo.

Eles também não podiam suportar o último. Ou o anterior. Mas a família dela não queria admitir isso. E lá estavam eles, no baile de um duque, fingindo que a verdade não era a verdade. Fingindo que tudo era possível.

Recusando-se a acreditar que a comum, a imperfeita e a rejeitada Felicity nunca iria conquistar o coração, a mente e – o mais importante – a *mão* do Duque de Marwick, não importava que tipo de rico solitário potencialmente atordoado ele fosse.

Contudo, houve um tempo em que ela poderia tê-lo conquistado. Em que um duque eremita poderia ter caído de joelhos e implorado para que Lady Felicity reparasse nele. Bem, talvez não caído de

joelhos e implorado, mas ele teria dançado com ela. E ela o teria feito rir. E talvez... eles tivessem gostado um do outro.

Mas isso foi antes de ela sequer ter sonhado em olhar para a sociedade de fora – quando ela nunca tinha ao menos imaginado que a sociedade *tinha* um lado de fora. Ela vivia dentro, afinal, era jovem, casadoura, aristocrática e interessante.

Ela tinha dezenas de amigas e centenas de conhecidas, recebia inúmeros convites para visitas, festas e passeios ao longo do rio Serpentine. Nenhuma reunião era digna de nota, a menos que ela e as amigas estivessem presentes. Ela nunca ficava sozinha.

E então... isso mudou.

Um dia, o mundo parou de brilhar. Ou, mais precisamente, *Felicity* parou de brilhar. Suas amigas se distanciaram e, pior, deram-lhe as costas, sem nem tentar disfarçar o desdém. Elas tinham prazer em ignorá-la. Como se Felicity não tivesse sido uma delas. Como se nunca tivessem sido amigas.

Ela imaginava que não tivessem sido, mesmo. Como não tinha percebido? Como ela não tinha visto que essas pessoas não a queriam de verdade?

E a pior de todas as perguntas – *por que* não a queriam?

O que ela tinha feito?

Felicity Fugaz, de fato.

A resposta não importava mais – fazia tanto tempo que ela duvidava que alguém lembrasse. O que importava agora era que quase ninguém reparava nela, exceto para olhá-la com pena ou indiferança.

Afinal, ninguém gostava menos de uma solteirona do que o próprio mundo que a tinha criado.

Felicity, certa vez um diamante da aristocracia (bem, não um diamante, mas talvez um rubi. Com certeza uma safira – filha de um marquês com bom dote), havia se tornado uma verdadeira solteirona, com um futuro de toucas de renda e convites feitos por pena.

Se pelo menos ela se casasse, Arthur gostava de dizer, ela conseguiria evitar um futuro sombrio.

Se pelo menos ela se casasse, sua mãe gostava de dizer, eles conseguiriam evitar um futuro sombrio. Afinal, embora a solteirice fosse constrangedora para Felicity, era um distintivo vergonhoso para a mãe – especialmente para uma mulher que tinha se saído tão bem ao se casar com um marquês.

E assim, a família Faircloth ignorava a solteirice de Felicity, disposta a fazer qualquer coisa para lhe arrumar um casamento decente. Ignorava, também, a verdade sobre os desejos dela – aqueles que o homem no escuro colocou à prova.

Na verdade, Felicity queria a vida que lhe tinha sido prometida. Ela queria ser parte daquilo outra vez. E, se não pudesse ter tal vida, que, francamente, sabia que não poderia – ela não era tola, afinal –, queria mais do que um casamento de consolação. Esse era seu problema. Ela sempre quis mais do que podia ter.

E era isso que a deixava com nada, não é mesmo?

Felicity soltou um suspiro impróprio para uma lady. Seu coração já não martelava com tanto vigor. Ela imaginou que fosse algo positivo.

– Será que consigo ir embora sem ninguém perceber?

As palavras mal tinham deixado sua boca quando a imensa porta de vidro do salão de baile foi aberta, liberando meia dúzia de convivas com sorriso nos lábios e champanhe nas mãos.

Foi a vez de Felicity fugir para as sombras, encostando-se na parede enquanto os outros chegavam ao parapeito de pedra, ofegantes e empolgados. Ela os reconheceu.

É claro.

Eles eram Amanda Fairfax e o marido, Matthew – Lorde Hagin –, Jared – Lorde Faulk – e sua irmã mais nova, Natasha, mais duas pessoas – outro casal, jovem, loiro e cintilante, como um brinquedo novo. Amanda, Matthew, Jared e Natasha gostavam de aliciar novos seguidores. Afinal, certa vez já haviam aliciado Felicity.

Ela tinha sido a quinta daquele quarteto. Amada, até não ser mais.

– Frio ou não, Marwick é terrivelmente atraente – Amanda disse.

– E rico – Jared observou. – Ouvi dizer que ele decorou a casa toda na semana passada.

– Ouvi a mesma coisa – Amanda disse com uma empolgação ofegante. – E também ouvi que ele está circulando pelas salas de

chá das anciãs.

– Se isso não faz do homem suspeito, não sei o que faz – grunhiu Matthew. – Quem quer tomar chá com um bando de viúvas?

– Um homem que precisa de uma noiva – respondeu Jared.

– Ou um herdeiro – sugeriu Amanda, pensativa.

Matthew pigarreou.

– Esposa – ele disse, e o grupo todo riu, fazendo Felicity lembrar, por uma fração de segundo, como era fazer parte das brincadeiras e dos gracejos. Parte daquele mundo supostamente brilhante.

– Ele tinha que se encontrar com as viúvas para conseguir que Londres viesse esta noite, certo? – interveio a terceira mulher do grupo. – Sem a aprovação delas, ninguém teria vindo.

Houve um instante de silêncio antes de o quarteto rir, o som indo da camaradagem à crueldade. Jared se inclinou para frente e deu um peteleco no queixo da jovem loira.

– Você não é muito inteligente, é?

Natasha bateu no braço do irmão e fingiu que o repreendia.

– Jared. Ora essa. Você não espera que Annabelle saiba como funciona a aristocracia? Ela se casou tão acima do nível dela que essa garota de sorte nunca precisou saber dessas coisas!

Antes que Annabelle entendesse totalmente o insulto das palavras mordazes, Natasha se aproximou e falou, alto e devagar, como se a pobre jovem fosse incapaz de compreender os conceitos mais simples:

– Todo mundo teria vindo ver o duque, querida. Ele poderia ter aparecido nu que todos nós dançaríamos alegremente ao redor dele, fingindo não notar a nudez.

– Do jeito que todo mundo fez o homem parecer louco – Amanda interveio –, acho que imaginávamos mesmo que ele poderia aparecer nu.

O marido de Annabelle, herdeiro do Marquês de Wapping, pigarreou e tentou ignorar o insulto à esposa.

– Bem, ele já dançou com uma dúzia de ladies esta noite. – Ele olhou para Natasha. – Incluindo você, Lady Natasha.

O resto do grupo soltou risadinhas, e Natasha ficou envaidecida – quer dizer, menos Annabelle, que olhou feio para o marido risonho.

Felicity achou a reação muito gratificante, pois o marido em questão certamente merecia qualquer punição que sua esposa lhe reservasse por não sair em sua defesa.

E agora era tarde demais.

– Ah, sim – Natasha dizia, parecendo um gato que pegou o canário. – E preciso acrescentar que ele é um interlocutor brilhante.

– É mesmo? – Amanda perguntou.

– Com certeza. Não tem nada de louco.

– Que interessante, Tasha – Matthew respondeu como quem não quer nada, bebendo seu champanhe para fazer uma pausa dramática. – Pois assistimos à dança toda, e ele não pareceu falar com você nem uma vez.

O resto do grupo debochou de Natasha, e ela ficou vermelha.

– Bem, estava claro que ele *desejava* falar comigo.

– Brilhante, de fato – o irmão provocou, fazendo um brinde com seu champanhe.

– *E* – Natasha continuou –, ele me segurou bem apertado. Dava para dizer que o duque estava resistindo ao impulso de me aproximar mais do que seria decente.

– Oh, sem dúvida – Amanda fez uma careta de deboche, sua descrença evidente.

Natasha revirou os olhos, e o resto do grupo riu. Quer dizer, o resto do grupo menos um.

Jared, Lorde Faulk, estava ocupado demais olhando para Felicity.

Droga.

O olhar dele estava carregado de um apetite e um deleite que embrulharam o estômago dela com nós de marinheiro. Felicity tinha visto aquela expressão centenas de vezes antes. Ela ficava sem respirar quando acontecia, porque significava que ele estava para alfinetar alguém com sua ironia maldosa. Nesse momento, ela ficou sem respirar por um motivo diferente.

– Ora essa! Eu pensei que Felicity Faircloth tinha ido embora há muito tempo.

– Eu pensei que nós a tínhamos feito ir – Amanda disse, sem ver o que Jared via. – Honestamente. Na idade dela e sem amigos para

conversar, era de se pensar que ela não iria mais a bailes. Ninguém quer uma solteirona vagando pelos cantos. É deprimente demais.

Amanda sempre teve a notável habilidade de fazer suas palavras cortarem como o vento de inverno.

– Mas aqui está ela – Jared pronunciou com escárnio, apontando a mão na direção de Felicity. O grupo todo se virou devagar, como numa horrível cena ensaiada, um sexteto de debochados; quatro membros bem-treinados e dois um pouco constrangidos. – Escondida nas sombras, ouvindo a conversa dos outros.

Amanda procurou um ponto em uma de suas luvas verde-água.

– *Sério*, Felicity. Que *aborrecimento*. Não existe mais ninguém que você possa espreitar?

– Quem sabe algum lorde incauto cujo quarto você queira conhecer? – disse Hagin, sem dúvida se achando muito inteligente.

Mas ele não era, embora o grupo parecesse não notar, com suas risadinhas e ar superior. Felicity odiou a onda de calor que se espalhou por seu rosto, uma combinação de humilhação pelo comentário deles e de vergonha por seu passado – pelo modo como ela também costumava debochar dos outros.

Ela apertou as costas contra a parede, desejando que pudesse desaparecer nela.

O rouxinol que tinha ouvido antes gorjeou outra vez.

– Pobre Felicity – Natasha disse para o grupo, a falsa compaixão de sua voz arranhando a pele de Felicity. – Sempre desejando ter alguma importância.

E foi assim, com aquela simples palavra – *importância* –, que Felicity percebeu que tinha aturado demais. Ela saiu para a luz, os ombros para trás e a coluna ereta, e encarou com seu olhar mais frio a mulher que um dia considerou sua amiga.

– Pobre Natasha – ela disse, imitando o tom de voz da outra. – Ora, você acha que eu não a conheço? Eu conheço você melhor do que qualquer um aqui. Solteira como eu. *Sem graça* como eu. Com pavor de ficar encalhada. Como eu tenho. – Natasha arregalou os olhos ao ouvi-la. Felicity preparou o golpe de misericórdia, desejando punir exemplarmente aquela mulher; uma dama que tinha atuado tão bem ao bancar sua amiga, para então machucá-la

tanto. – E, quando estiver encalhada, esta turma não vai mais aceitar você.

O rouxinol trinou outra vez. Não. Não o rouxinol. Era um tipo diferente de trinado, baixo e longo. Ela nunca tinha ouvido um pássaro como aquele.

Ou talvez tenha sido o tamborilar de seu coração que tornou o som estranho. Entusiasmada, ela se virou para as mais novas adições ao grupo, cujos olhos arregalados estavam fixos nela.

– Vocês sabem, minha avó costumava me alertar para ter cuidado. Ela gostava de dizer que dá para julgar uma pessoa pelos amigos com que anda. Esse adágio é mais que verdadeiro com este grupo. E vocês deveriam ter cuidado para não se mancharem com a sujeira deles. – Ela se virou para a porta. – Eu me considero com sorte por ter escapado quando tive chance.

Ao se dirigir à entrada do salão de baile, bastante orgulhosa de si mesma por ter enfrentado aquelas pessoas que a consumiam há tanto tempo, palavras ecoavam dentro dela:

Você é uma mulher de assustadora importância.

Um sorriso brincou em seus lábios com a lembrança.

De fato. Ela era mesmo.

– Felicity? – Natasha chamou-a quando ela chegou à porta. Felicity parou e se virou. – Você não escapou de nós – estrilou a ex-amiga. – Nós é que expulsamos você.

Natasha Corkwood era tão... tão desagradável.

– Nós não a queríamos mais e jogamos você fora – Natasha acrescentou, as palavras frias e cruéis. – Do mesmo jeito que todo mundo fez. Como todo mundo sempre vai fazer. – Ela se virou para a festa com uma gargalhada alegre demais. – E aqui está ela, achando que tem condições de disputar um duque!

Tão desagradável.

Isso é o melhor que você pode fazer?

Não. Não era.

– O duque que você pretende conquistar, certo?

Natasha deu um sorriso de escárnio.

– O duque que eu *vou* conquistar.

– Receio que seja tarde demais para você – Felicity disse, as palavras saindo sem hesitação.

– E isso por quê? – Foi Hagin quem perguntou. Hagin, com o rosto pretensioso, o perfume tóxico e o cabelo de príncipe de conto de fadas. A pergunta foi feita num tom de absoluta superioridade, como se falar com ela fosse uma concessão da parte dele.

Como se todos eles não tivessem sido amigos um dia.

Depois, ela culparia a lembrança dessa amizade por sua resposta. A evocação da vida que ela tinha perdido num instante, sem entender por quê. A devastadora tristeza disso tudo. O modo como foi catapultada para a ruína.

Afinal, deveria haver algum motivo para ela dizer o que disse, considerando o fato de que era pura idiotice. Absoluta loucura.

Uma mentira tão grande que eclipsava sóis.

– Está tarde demais para você conquistar o duque – Felicity repetiu, sabendo, ainda enquanto falava, que precisava se calar. Só que as palavras eram cavalos em disparada; soltas, livres e *selvagens*. – Porque eu já o conquistei.

Capítulo Três



A última vez que Devil esteve dentro da Casa Marwick foi na noite em que conheceu seu pai.

Ele tinha dez anos, velho demais para continuar no orfanato onde tinha passado toda sua vida. Devil tinha ouvido boatos a respeito do que acontecia com garotos que não eram adotados. Ele tinha se preparado para fugir, pois não queria enfrentar o reformatório, onde, de acordo com os rumores, provavelmente morreria e ninguém encontraria seu corpo.

Devil tinha acreditado nessas histórias.

Toda noite, sabendo que era questão de tempo até o expulsarem do orfanato, ele empacotava suas coisas – um par de meias grandes demais que tinha surrupiado da lavanderia; uma casca de pão ou um biscoito duro tirado do lanche da tarde; um par de luvas desgastadas, com furos demais para manter as mãos aquecidas por muito tempo; e o pequeno alfinete dourado que prendia suas fraldas quando ele foi encontrado, bebê, espetado num bordado que ostentava um magnífico M vermelho. O alfinete há muito tinha perdido a tinta, restando apenas a lata, e o tecido, que um dia tinha sido branco, ficou cinza da sujeira dos dedos dele. Mas isso era tudo que Devil tinha do seu passado e a única fonte de esperança para seu futuro.

A cada noite, ele deitava no escuro absoluto, ouvindo os sons de choro dos outros garotos, contando os passos para ir do seu estrado

até o corredor, e deste até a porta. Para fora, para a noite. Ele era excelente para escalar e tinha decidido ir pelos telhados em vez de pelas ruas. Assim seria menos provável que o encontrassem, caso decidissem persegui-lo.

Embora parecesse improvável que o fizessem.

Sempre pareceu improvável que alguém fosse querê-lo.

Ele ouviu os passos ecoando no corredor. Estavam vindo pegá-lo, para levá-lo ao reformatório. Ele rolou para o lado do estrado, agachando-se enquanto recolhia suas coisas, depois foi até a parede, onde ficou colado junto à porta.

A fechadura estalou, e a porta foi aberta, revelando um fio de luz de vela – nunca vista no orfanato depois de escurecer. Ele disparou a correr, passando por dois pares de pernas, chegando à metade do corredor antes que uma mão forte pousasse em seu ombro e o levantasse do chão.

Ele esperneou e gritou, esticando o pescoço para morder aquela mão.

– Bom Deus, este é selvagem – uma profunda voz de barítono entoou, e Devil ficou absolutamente imóvel com o som. Ele nunca tinha ouvido alguém falar um inglês tão perfeito, tão bem-pronunciado. Ele parou de tentar morder, virando-se para ver o homem que o segurava – alto como uma árvore e mais limpo do que qualquer um que Devil tivesse visto, com olhos da cor do assoalho do quarto em que deviam rezar.

Devil não era muito bom em reza.

Alguém aproximou a vela do rosto do garoto, a chama clara fazendo-o se encolher.

– É ele – disse o diretor.

Devil virou-se para encará-lo mais uma vez.

– Eu não vou pro reformatório.

– Claro que não vai – disse o homem estranho. Ele pegou o embrulho de Devil, abrindo-o.

– Ei! Essas coisa são minha!

O homem o ignorou, jogando as meias e o biscoito de lado, levantando o alfinete e aproximando-o da luz. Devil ficou furioso com a ideia de aquele homem, aquele estranho, tocar a única coisa

que tinha da sua mãe. A única coisa que tinha do seu passado. As mãozinhas dele se fecharam em punhos, e ele disparou um soco, que atingiu o quadril do homem chique.

– É meu! Você não vai ficar com isso!

O homem gemeu de dor.

– Cristo! Este demônio sabe dar um soco.

O diretor tentou enrolar.

– Ele não aprendeu isso conosco.

Devil fez uma careta. Onde mais ele podia ter aprendido?

– Devolve.

O homem bem-vestido trouxe-o mais para perto, balançando o tesouro de Devil.

– Sua mãe deu isto para você.

Devil esticou a mão e arrancou o alfinete da mão do homem, odiando a vergonha que sentiu ao ouvi-lo falar. Vergonha e saudade.

– É.

O homem assentiu com a cabeça.

– Estive procurando você.

Esperança surgiu, quente e quase desagradável, no peito de Devil.

– Você sabe o que é um duque? – continuou o homem.

– Não, senhor.

– Vai saber – ele prometeu.

Lembranças são uma droga.

Devil se esgueirou pelo longo corredor superior da Casa Marwick, os acordes da orquestra sussurrando pelo espaço pouco iluminado, vindos do andar de baixo. Ele não pensava na noite em que seu pai o encontrou há uma década. Talvez mais.

Mas esta noite, estando nesta casa, que de algum modo ainda tinha o mesmo cheiro, ele se lembrou de cada detalhe daquela primeira noite. O banho, a comida quente, a cama macia. Como se tivesse pegado no sono e acordado num sonho.

E naquela noite tinha sido um sonho.

O pesadelo começou pouco depois.

Afastando a lembrança, ele chegou ao quarto principal, pousando a mão na maçaneta, virando-a rápida e silenciosamente, e entrando.

Seu irmão estava parado junto à janela, o copo pendurado em sua mão, o cabelo loiro brilhando à luz das velas. Ewan não se virou para Devil.

– Eu estava me perguntando se você viria – ele disse, apenas.

A voz era a mesma. Cultivada, ponderada e profunda, como a do pai deles.

– Você fala como o duque.

– Eu sou o duque.

Devil deixou a porta se fechar atrás de si.

– Não foi o que eu quis dizer.

– Eu sei o que você quis dizer.

Devil bateu sua bengala duas vezes no chão.

– Nós não fizemos um pacto, anos atrás?

Marwick se virou, revelando o lado do rosto.

– Eu procuro vocês há doze anos.

Devil sentou-se na poltrona baixa junto à lareira, estendendo as pernas em direção ao lugar onde estava o duque.

– Se pelo menos eu soubesse.

– Eu acho que você sabia.

É claro que eles sabiam. Assim que atingiram a maioria, um fluxo de homens foi fuçar os cortiços, perguntando sobre um trio de órfãos que tinha ido para Londres anos antes. Dois garotos e uma menina, com nomes que ninguém em Covent Garden reconhecia... ninguém exceto os próprios Bastardos. Ninguém a não ser os Bastardos e Ewan, o jovem Duque de Marwick, rico como um rei e com idade suficiente para usar bem o dinheiro.

Mas oito anos nos cortiços tornaram Devil e Whit tão poderosos quanto ardilosos, tão fortes quanto ameaçadores, e ninguém falava dos Bastardos Impiedosos por medo de vingança. Principalmente as pessoas que não eram dali.

E, quando os rastros esfriavam, os homens que apareciam fuçando sempre iam embora.

Dessa vez, contudo, não foi um empregado que os procurou. Foi o próprio Marwick. Com um plano melhor do que todos os outros.

– Imagino que você pensou que, anunciando sua busca por uma esposa, conseguiria nossa atenção – disse Devil.

– Funcionou. – Marwick se voltou para ele.

– Sem herdeiros, Ewan – Devil advertiu, incapaz de usar o nome do título na frente. – Esse foi o acordo. Você se lembra da última vez que voltou atrás em um acordo comigo?

Os olhos do duque ficaram sombrios.

– Lembro.

Naquela noite, Devil tomou tudo que o duque amava e fugiu.

– E o que faz você pensar que não vou fazer o mesmo?

– Desta vez eu sou um duque – Ewan disse. – E meu poder vai muito além de Covent Garden, não importa o quão poderosos seus murros sejam atualmente, Devon. Vou transformar sua vida num inferno. E não só a sua. A do nosso irmão. Dos seus homens. Acabo com seus negócios. Você vai perder tudo.

Valeria a pena. Devil olhou fixamente para o irmão.

– O que você quer?

– Eu lhe disse que a procuraria.

Grace. A quarta da turma, a mulher que Whit e Devil chamavam de irmã, embora não houvesse laços sanguíneos entre eles. A garota que Ewan tinha amado desde sempre, mesmo quando eram crianças.

Grace, cujos três irmãos tinham prometido proteger anos atrás, quando eram jovens e inocentes, antes que a traição tivesse rompido sua união.

Grace, que, na traição de Ewan, tinha se tornado o segredo mais perigoso do ducado. Pois ela era a verdade do ducado. Grace, nascida do antigo duque e de sua esposa, a duquesa. Grace, a filha batizada, apesar de ser ilegítima à sua própria maneira.

Mas era Ewan que agora, anos depois, usava o nome da família. Que detinha o título que não pertencia a nenhum deles por direito.

E Grace era a prova viva de que Ewan tinha roubado o título, a fortuna, o futuro – um roubo que a Coroa não aceitaria de modo algum.

Um roubo que, se descoberto, faria Ewan dançar na ponta de uma corda em Newgate.

Devil fitou o irmão com escárnio.

– Você nunca irá encontrá-la.

Algo cintilou nos olhos de Ewan.

– Não vou machucá-la.

– Você é louco como diz sua preciosa aristocracia se pensa que vamos acreditar nisso. Não se lembra da noite em que partimos? Eu lembro, toda vez que me olho no espelho.

Marwick olhou para o rosto de Devil, para a feia cicatriz ali, um poderoso lembrete de como a fraternidade significou pouco quando chegou a hora de conquistar o poder.

– Eu não tive escolha.

– Todos nós tivemos escolha naquela noite. Você escolheu seu título, seu dinheiro e seu poder. E nós permitimos que você ficasse com essas três coisas, apesar de Whit querer matá-lo antes que a podridão do nosso genitor o consumisse. Nós deixamos que você vivesse, apesar da sua vontade evidente de nos ver mortos. Com uma condição: nosso pai estava louco por um herdeiro e, embora tivesse recebido um falsificado com você, não teria a satisfação de uma linhagem, nem mesmo após morto. Nós sempre vamos estar em lados opostos nessa luta, duque. Nada de herdeiros era a regra. A única regra. Nós o deixamos em paz, todos esses anos, com seu título roubado, por causa disso. Mas saiba que, se decidir brincar conosco, eu acabo com você, e nunca terá uma pitada de felicidade na vida.

– Você acha que estou transbordando de felicidade agora?

Cristo, Devil esperava que não. Ele tinha esperança de que nada fizesse o duque feliz. Ele tinha se deleitado com o lendário isolamento do irmão, sabendo que Ewan morava na casa onde foram jogados um contra o outro, filhos bastardos em uma batalha por legitimidade. Por nome, título e fortuna. Ensinados a dançar, comer e falar com eloquência para disfarçar a vergonha na qual os três tinham nascido.

Ele esperava que cada lembrança da infância deles consumisse o irmão, que o arruinasse o arrependimento de se permitir brincar de filho devotado de um maldito monstro.

– Não me importo – mentiu Devil.

– Eu procurei vocês por mais de uma década e nunca os encontrei. Os Bastardos Impiedosos, ricos e implacáveis, comandando só sabe Deus que tipo de atividade criminosa no coração de Covent Garden, lugar onde *eu* nasci, devo acrescentar.

– O lugar cuspiu você longe no momento em que nos traiu – disse Devil.

– Eu fiz centenas de perguntas de mil maneiras diferentes. – Ewan lhe deu as costas, passando a mão agitada pelo cabelo loiro.

– Nada de mulheres. Nada de esposas. Nada de irmãs. Onde ela está?

Havia pânico em suas palavras, uma sensação vaga de que ele poderia enlouquecer se não recebesse uma resposta. Devil tinha vivido tempo suficiente na escuridão para compreender os loucos e suas obsessões. Ele meneou a cabeça, enviando uma prece de agradecimento aos deuses por manter o povo de Covent Garden leal a eles.

– Sempre longe do seu alcance.

– Você a tirou de mim! – O pânico beirava a fúria.

– Você tirou o título dela – Devil disse. – O título que adoeceu seu pai.

– Nosso pai.

Devil ignorou a correção.

– O título fez você adoecer. Deixou-o preparado para matá-la.

O duque olhou para o teto por um longo minuto.

– Eu deveria ter matado você – ele disse, então.

– Ela teria escapado.

– Eu deveria matar você agora.

– Então nunca vai encontrá-la.

Ele crispou o maxilar familiar – um eco do pai. Os olhos enlouqueceram, depois, tornaram-se inexpressivos.

– Entenda, Devil, que não tenho interesse em manter minha parte do acordo. Vou ter herdeiros. Sou um duque. Preciso ter uma esposa e um filho dentro de um ano. Eu vou renegar nosso acordo, a menos que me diga onde ela está.

A raiva de Devil se inflamou, e sua mão apertou o castão de prata da bengala. Ele deveria matar o irmão agora. Deixá-lo sangrando no

maldito chão, e finalmente dar à linhagem Marwick o que lhe era de direito.

Ele bateu a bengala na ponta de sua bota preta.

– Você faria bem em lembrar a informação que tenho a seu respeito, *duque*. Uma palavra, e você seria enforcado.

– Por que não a usa? – A pergunta não foi agressiva, como Devil podia esperar. Foi sofrida, como se Ewan quisesse a morte. Como se ele a invocasse.

Devil ignorou essa percepção.

– Porque brincar com você é mais divertido.

Era mentira. Devil destruiria alegremente este homem, que já tinha sido seu irmão. Mas anos atrás, quando ele e Whit fugiram da propriedade Marwick e foram para Londres em busca de seu futuro aterrorizante, jurando manter Grace a salvo, eles fizeram outro juramento, este para a própria Grace.

Eles juraram não matar Ewan.

– Sim, acho que vou entrar na sua brincadeira idiota – Devil disse, levantando e batendo duas vezes a bengala no chão. – Você subestima o poder do filho bastardo, meu irmão. As mulheres adoram um homem disposto a levá-las para um passeio no escuro. Vou arruinar com alegria suas futuras noivas. Uma após a outra, até o fim dos tempos. Sem hesitar. Você nunca terá um herdeiro. – Ele se aproximou, ficando frente a frente com o irmão. – Eu tirei Grace de você – ele sussurrou. – Acha que não consigo tirar todas as outras?

O maxilar de Ewan ficou tenso, com uma raiva passional.

– Você vai se arrepender de mantê-la longe de mim.

– Ninguém mantém Grace em lugar algum. Ela escolheu ficar longe de você. Ela escolheu fugir. Ela não confiava em você para mantê-la em segurança. Não quando ela é prova de seu segredo mais tenebroso. – Ele fez uma pausa. – Robert Matthew Carrick.

O olhar do duque ficou embaçado ao ouvir o nome, e Devil imaginou se os boatos podiam ser verdadeiros. Se Ewan era, de fato, louco. Não seria surpresa, com o passado que o assombrava. Que assombrava a todos. Mas Devil não ligava e continuou.

– Ela nos escolheu, Ewan. E vou garantir que toda mulher que você cortejar faça o mesmo. Vou arruinar cada uma delas, com prazer. E, ao fazê-lo, irei salvá-las do seu louco desejo por poder.

– Você acha que não tem o mesmo desejo? Você acha que não o herdou do nosso pai? Vocês são chamados de Reis de Covent Garden; poder, dinheiro e vícios os rodeiam.

– Nós fizemos por merecer tudo isso, Ewan. – Devil deu um sorriso convencido.

– Acho que você quer dizer que roubaram tudo isso.

– Bem que você sabe algumas coisinhas sobre futuros roubados. Sobre nomes roubados. Robert Matthew Carrick, Duque de Marwick. Um belo nome para um garoto nascido num bordel de Covent Garden.

O duque baixou o rosto, seus olhos brilhando, altivos.

– Então vamos começar, irmão, pois parece que já consegui uma noiva. Lady Felicia Fairhaven, ou Fiona Farthing, ou algo parecido com isso.

Felicity Faircloth.

Foi assim que os cretinos no terraço a chamaram antes de a destroçarem, de a forçarem a agir, inspirando-a a conquistar um noivo num surto de atrevimento ultrajante. Devil tinha assistido ao desenrolar do desastre, incapaz de impedi-la de se envolver nos assuntos do irmão. Em seus assuntos.

– Se você pretende me convencer que não está disposto a magoar mulheres – disse Devil –, não é colocando uma garota inocente no meio disto tudo que vai conseguir.

O olhar de Ewan encontrou o do irmão no mesmo instante, e Devil arrependeu-se de suas palavras. Do que Ewan pareceu pensar que elas sugeriam.

– Não vou magoá-la – disse Ewan. – Vou me casar com ela.

A declaração desagradável o irritou, mas Devil fez o possível para ignorar a sensação. Felicity Faircloth, com seu nome tolo, estava definitivamente envolvida agora. O que significava que ele não tinha escolha a não ser procurá-la.

– A família dela parece desesperada por um duque – continuou Ewan. – Tão desesperada que a própria Felicity simplesmente nos

declarou noivos, esta noite. E, até onde eu sei, nós nem sequer nos conhecemos. É claro que se trata de uma tola, mas não me importa. Herdeiros são herdeiros.

Ela não era tola. Era fascinante, curiosa. Tinha a língua afiada e ficava mais à vontade no escuro do que ele teria imaginado. E possuía um sorriso que fazia um homem prestar atenção.

Era uma pena que ele teria que a arruinar.

– Vou procurar a família da garota e oferecer-lhes fortuna, título, o pacote completo. O que for necessário. O proclama será lido domingo – disse Marwick, calmo, como se estivesse comentando sobre o clima. – E estaremos casados em menos de um mês. Herdeiros logo estarão a caminho.

Ninguém consegue voltar. Não sem um casamento que faça história.

As palavras de Felicity ecoaram na memória de Devil. Ela devia estar empolgada com essa reviravolta em sua vida. O casamento com Marwick proporcionaria o que ela queria. O retorno da heroína à aristocracia.

Só que ela não retornaria.

Porque Devil nunca permitiria, tendo ela um sorriso lindo ou não. Embora aquele sorriso pudesse tornar a ruína dela mais satisfatória.

Devil baixou as sobancelhas.

– Você terá herdeiros com Felicity Faircloth só por cima do meu cadáver.

– Você acha que ela vai escolher Covent Garden em vez de Mayfair?

Eu quero voltar.

Mayfair era tudo que Felicity Faircloth queria. Ele apenas teria que mostrar para ela o que mais havia para ser visto. Enquanto isso, ele disparou seu golpe mais poderoso.

– Acho que ela não será a primeira mulher que vai preferir se arriscar comigo em vez de passar a vida com você, Ewan.

Aquilo doeu porque era verdade.

O duque desviou o olhar, voltando-se para a janela.

– Vá embora.

Capítulo Quatro



Felicity entrou apressada pela porta aberta de sua casa, ignorando o fato de que seu irmão estava atrás dela. Parando brevemente, ela sorriu para o mordomo, que segurava a porta.

– Boa noite, Irving.

– Boa noite, milady – entoou o mordomo, fechando a porta atrás de Arthur e estendendo a mão para pegar as luvas do conde. – Milorde.

– Não vou ficar, Irving. – Arthur sacudiu a cabeça. – Só estou aqui para falar com a minha irmã.

Felicity se virou para encarar os olhos castanhos do irmão, idênticos aos dela.

– Agora você quer falar? Nós viemos em silêncio na carruagem.

– Eu não chamaria de silêncio.

– Ah, não?

– Não. Eu chamaria de “sem fala”.

Ela bufou, arrancando as luvas, usando o movimento para evitar os olhos do irmão e a culpa desconfortável que a agitava frente à ideia de discutir a noite desastrosa que tinha se passado.

– Bom Deus, Felicity, não sei se existe um irmão, em toda cristandade, que seria capaz de encontrar palavras após sua demonstração de audácia.

– Ah, por favor. Eu contei uma mentirazinha. – Ela foi em direção à escada, fazendo um gesto com a mão e tentando não parecer tão

apreensiva quanto estava. – As pessoas fazem coisas muito mais chocantes. Não é como se eu tivesse arrumado um emprego num bordel.

Os olhos de Arthur saltaram das órbitas.

– Uma *mentirazinha*? – Antes que ela pudesse responder, ele acrescentou: – E você nem deveria conhecer a palavra bordel.

Ela olhou para trás; os dois degraus que ela tinha subido a deixavam mais alta que o irmão.

– Sério?

– Sério.

– Imagino que você ache indecoroso eu saber a palavra bordel.

– Eu não acho, eu sei. E pare de repetir isso.

– Estou deixando você constrangido?

O irmão apertou os olhos para ela.

– Não, mas estou vendo que é essa a sua intenção. E eu não quero ofender Irving.

O mordomo arqueou as sobrancelhas. Felicity se virou para ele.

– Estou ofendendo você, Irving?

– Não mais do que o normal, milady – disse o homem, todo sério.

Felicity deu uma risadinha quando ele se virou para sair.

– Fico feliz que um de nós consiga encontrar leveza em uma situação como esta. – Ele olhou para o grande lustre acima e exclamou: – Bom Deus, Felicity!

E assim eles retornaram para onde tinham começado, culpa e pânico e uma quantidade considerável de medo borbulhando dentro dela.

– Eu não pretendia dizer aquilo.

– Bordel? – O irmão olhou feio para ela.

– Ah, agora é você que está brincando?